



VARANDA DE TANGLEWOOD: INTRODUÇÃO A "A CABEÇA DA GÓRGONA"

Debaixo da varanda da grande casa de campo chamada Tanglewood, em uma bela manhã de outono, estava reunida uma alegre turma de crianças, com um jovem alto no meio delas. Haviam planejado uma expedição para colher nozes e estavam esperando impacientemente que a neblina se levantasse das encostas das colinas, e que o sol derramasse o calor do veranico sobre campos e pastagens, e nos recantos do bosque multicolorido. O dia prometia ser tão belo como nenhum outro jamais alegrou as formas desse nosso mundo lindo e confortável. No entanto, a neblina da manhã encheu toda a extensão e a largura do vale, acima do qual, em uma colina levemente inclinada, a mansão estava.

Essa massa de vapor branco se estendia a menos de cem metros da casa. Escondia completamente tudo além daquela distância, exceto algumas copas de árvores avermelhadas ou amareladas, que aqui e ali emergiam e ficavam brilhantes sob a luz do sol, assim como a imensa superfície da neblina. Seis ou sete quilômetros ao sul aparecia o cume da Montanha Monumento, e parecia flutuar em uma nuvem. Cerca de 25 quilômetros mais adiante, na mesma direção, aparecia o mais imponente Domo das Tacônicas, parecendo azul e indistinto, com certeza tão

sólido quanto o mar vaporoso que quase se derramava sobre ele. As colinas mais próximas, que margeavam o vale, estavam meio submersas e salpicadas com pequenas grinaldas de nuvens até o topo. No geral, havia tanta nuvem e tão pouca terra sólida que a cena toda dava a impressão de ser uma visão.

As crianças mencionadas, tão cheias de vida quanto poderiam ter dentro de si, continuavam a sair da varanda de Tanglewood, correndo ao longo do caminho de cascalho ou correndo pelas ervas orvalhadas do gramado. Mal posso dizer quantas dessas pessoas pequenas estavam ali; não menos que nove ou dez, no entanto, nem mais que uma dúzia, de todos os tipos, tamanhos e idades, meninas ou meninos. Eram irmãos, irmãs e primos, com alguns de seus jovens conhecidos, que haviam sido convidados pelo sr. e pela sra. Pringle a fim de passar parte desse clima agradável com os filhos em Tanglewood. Tenho receio de dizer o nome delas, ou mesmo de lhes dar nomes pelos quais outras crianças já foram chamadas; porque, até onde sei, os autores às vezes se metem em grandes problemas por, acidentalmente, dar o nome de pessoas reais aos personagens de seus livros. Por esse motivo, pretendo chamá-las de Prímula, Pervinca, Samambaia, Dente-de-leão, Miosótis, Trevo, Mirtilo, Primavera, Flor de Abóbora, Dona-joana, Banana-da-terra e Ranúnculo – embora, com certeza, esses títulos sejam mais adequados a um grupo de fadas do que a uma turma de crianças terrenas.

Não se deve supor que essa criançada tivesse permissão de seus cuidadosos pais, mães, tios, tias ou avós a se desgarrarem pelos bosques e campos sem a tutela de uma pessoa particularmente séria e mais velha. Ah, não, de modo algum! Você se lembrará de que, na primeira frase de meu livro, falei de um jovem alto, em pé no meio das crianças. O nome dele (e eu informarei seu nome verdadeiro, porque ele considera uma grande honra contar as histórias que estão impressas aqui) era Eustáquio da Luz. Ele era aluno da Faculdade Williams e, naquele período, tinha chegado, eu acho, à venerável idade de dezoito anos, de modo que se sentia como um avô em relação a Pervinca, Dente-de-leão, Mirtilo, Flor de Abóbora, Dona-joana e as demais, que eram apenas metade ou um terço veneráveis como ele. Um problema de visão (que muitos estudantes acham necessário ter, hoje em dia, a fim de provar que são aplicados aos livros) o impediu de ir à faculdade uma ou duas semanas após o

início do semestre. Mas, de minha parte, raramente encontrei um par de olhos que parecessem enxergar mais longe ou melhor do que os de Eustáquio da Luz.

Esse aluno aplicado era esbelto e um tanto pálido, como todos os estudantes ianques, mas tinha um aspecto saudável, e era leve e ativo como se tivesse asas nos sapatos. A propósito, sendo muito aficionado a cruzar riachos e a percorrer prados, ele havia calçado botas de couro para a expedição. Usava uma blusa de linho, um boné de tecido e óculos verdes, que ele havia adotado, provavelmente, mais pela dignidade que lhe conferiam ao rosto do que pelo cuidado com os olhos. Qualquer que fosse o caso, no entanto, ele poderia muito bem tê-los deixado de lado, pois Mirtilo, uma pequena sílfide travessa, passou sorrateiramente atrás de Eustáquio quando este se sentou nos degraus da varanda, arrancou-lhe os óculos do nariz e colocou-os no seu. E como o estudante se esqueceu de pegá-los de volta, eles caíram na grama e ficaram lá até a primavera seguinte.

Bem, você deve saber que Eustáquio da Luz ganhou grande fama entre as crianças como contador de histórias maravilhosas, e, embora às vezes fingisse ficar irritado quando elas o importunavam pedindo mais e mais, e sempre mais, ainda duvido que gostasse tanto de alguma coisa como de contar histórias para elas. Você deve ter visto os olhos dele brilharem, portanto, quando Trevo, Samambaia, Primavera, Ranúnculo e a maioria de seus coleguinhas lhe pediram que contasse uma de suas histórias, enquanto esperavam a névoa se dissipar.

– Sim, primo Eustáquio – disse Prímula, uma garota esperta de doze anos, com olhos risonhos e um nariz um pouquinho arrebitado –, com certeza, a manhã é o melhor momento para as histórias com as quais você costuma acabar com nossa paciência. Assim, corremos menos risco de ferir seus sentimentos por cair no sono nos pontos mais interessantes, como a pequena Primavera e eu ontem à noite!

– Prímula, sua danada! – exclamou Primavera, uma criança de seis anos. – Eu não dormi, e só fechei os olhos para ver uma imagem do que o primo Eustáquio estava falando. As histórias dele são boas de ouvir à noite, porque podemos sonhar com elas dormindo; e bem pela manhã também, porque assim podemos sonhar com elas acordados. Então, espero que ele nos conte uma agora mesmo.

– Obrigado, minha Primavera! – disse Eustáquio. – Você com certeza vai ouvir a melhor história em que eu puder pensar, mesmo que seja apenas por ter me defendido tão bem daquela danada da Prímula. Mas, crianças, eu já contei tantos contos de fadas, que duvido que exista algum que vocês não tenham ouvido pelo menos duas vezes. Receio que vocês durmam de verdade se eu repetir algum deles mais uma vez.

– Não, não, não! – gritaram Miosótis, Pervinca, Banana-da-terra e mais meia dúzia delas. – Gostamos ainda mais de uma história depois de tê-la ouvido duas ou três vezes.

E é verdade, no que diz respeito às crianças, que uma história parece, muitas vezes, deixar uma marca cada vez mais profunda no interesse delas, não apenas por duas ou três, mas por inúmeras repetições. Mas Eustáquio da Luz, na exuberância de suas qualidades, desprezou uma vantagem que um contador de histórias mais velho teria tido prazer em aproveitar.

– Seria uma grande pena – disse ele –, se um homem com a minha instrução (para não falar da minha própria imaginação) não pudesse encontrar uma nova história todos os dias, ano após ano, para crianças como vocês. Então, vou lhes contar uma das histórias infantis que foram criadas para divertir nossa grande e idosa bisavó, a Terra, quando ela era ainda uma criança de vestido e babador. Existe uma centena dessas histórias, e fico espantado por elas ainda não terem sido colocadas há muito tempo em livros com figuras para meninas e meninos. Mas, em vez disso, velhos avós de barba grisalha matutam sobre elas em livros de grego mofados e ficam intrigados, tentando descobrir quando, como e por que foram criadas.

– Tá bem, tá bem, tá bem, primo Eustáquio! – gritaram todas as crianças ao mesmo tempo. – Não fique falando sobre suas histórias, mas comece logo!

– Sentem-se, então, almas sem sossego – disse Eustáquio da Luz –, e fiquem todas bem quietas, como ratinhos. Se houver a menor interrupção, seja da grande e danada Prímula, do pequeno Dente-de-leão ou de qualquer outro, vou encurtar a história com os dentes e engolir a parte não contada. Mas, em primeiro lugar, algum de vocês sabe o que é uma górgona?

– Eu sei! – disse Prímula.

– Então, segure essa boquinha! – replicou Eustáquio, que preferia que ela não soubesse nada sobre o assunto. – Todos vocês fechem a boquinha, e vou lhes contar uma história bonita e doce sobre a cabeça de uma górgona.

E foi o que ele fez, como você poderá ler a partir da próxima página. Exercitando sua erudição intelectualmente pretensiosa com bastante tato, e devendo grandes favores ao professor Antônio, ele, no entanto, desconsiderou todas as autoridades clássicas, sempre que a dispersiva audácia de sua imaginação o impeliu a fazê-lo.